

NORA ROBERTS

# O AZUL DA BAÍA

LIVRO QUATRO DA SAGA DA BAÍA DE CHESAPEAKE



**A TODOS OS LEITORES QUE PERGUNTARAM**

***QUANDO É QUE VAIS CONTAR  
A HISTÓRIA DE SETH?***

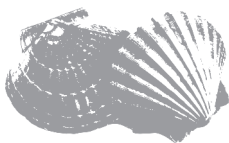
*Existe um destino que faz de nós irmãos;  
Ninguém caminha sozinho:  
Tudo o que acrescentamos à vida de alguém  
Reflecte-se na nossa.*

**EDWIN MARKHAM**

*A arte é cúmplice do amor.*

**RÉMY DE GOURMONT**

## UM



**R**egressava a casa.

A Costa Leste de Maryland era um mundo de pântanos e lodaçais, de campos abertos, de campos cultivados, alinhados como um exército. Era os rios de leito raso e curvas apertadas, ancoradouros secretos descobertos pelas marés, onde garças-reais buscavam alimento.

Era os caranguejos azuis e a Baía, e os pescadores que daí tiravam o seu sustento.

Por mais sítios onde tivesse vivido, na primeira década miserável da sua vida, ou nos últimos anos, ao ver aproximar-se a terceira década, só na Costa se sentia em casa.

Havia uma quantidade de motivos, de memórias dessa casa, e cada um deles estava tão claro e brilhante na sua mente como o Sol que reluzia sobre as águas de Chesapeake.

Ao conduzir pela ponte, o seu olho de artista queria captar o momento — a água de um azul forte e os barcos que deslizavam sobre ela, as rápidas ondas brancas e o mergulho das ávidas gaivotas. Como a margem contornava o seu leito, marcando a paisagem de castanhos e verdes. Todas aquelas folhas grossas das árvores-da-borracha e dos carvalhos, disparando raios de cor que mais pareciam flores deleitando-se no calor da Primavera.

Queria lembrar-se daquele momento, tal como se lembrava da primeira vez que atravessara a Baía para a Costa Leste,

um rapazinho acanhado e assustado ao lado de um homem que lhe prometera uma vida.

Sentara-se no lugar do passageiro, com o homem que mal conhecia ao volante. Levava a roupa que tinha no corpo e os seus escassos pertences num saco de papel.

O seu estômago ia apertado dos nervos, mas conseguira pôr no rosto uma expressão que achara revelar aborrecimento, de olhar perdido pela janela do carro.

Se estava com o velhote, pelo menos não estava com *ela*. Parecia-lhe um belo negócio.

Além disso, o velhote até era porreiro.

Não tresandava a álcool, nem às pastilhas de mentol que as bestas que Gloria costumava levar para a espelunca mascavam, para disfarçar o cheiro. E das poucas vezes que estiveram juntos, o velhote, Ray, havia-lhe comprado um hambúrguer ou uma pizza.

E havia conversado com ele.

Pela experiência que tinha, os adultos não conversavam com miúdos. Para eles, perto deles, sobre eles, sim. Mas não com eles.

Ray conversava. E também ouvia. E quando lhe havia perguntado, sem quaisquer rodeios, se ele — que não passava de um miúdo — queria viver com ele, não sentiu aquele medo avassalador nem o fogo do pânico. Sentiu-se como se conseguisse mesmo agarrar aquela oportunidade.

Para longe dela. Essa era a melhor parte. Quanto mais o carro se afastava, mais longe ficava dela.

Se as coisas se comesçassem a complicar, podia fugir. O tipo era mesmo velho. Grande, grande como o caraças, mas velho. Cheio de cabelos brancos, e aquele rosto largo e enrugado.

Olhava-o de soslaio, e começava a desenhar o seu rosto mentalmente.

Tinha os olhos muito azuis, o que era bastante estranho, porque os dele também eram.

E a sua voz era sonante, mas quando falava, não gritava nem nada. Ostentava uma certa calma, quem sabe até um ligeiro cansaço.

E como parecia cansado agora.

— Estamos quase em casa, — disse Ray, ao aproximarem-se da ponte. — Tens fome?

— Não sei. Acho que sim.

— Pelo que sei, os miúdos têm sempre fome. Criei três poços sem fundo.

Sentia alegria naquela voz imensa, mas via que era forçada. Podia ter apenas dez anos, mas conhecia o tom da falsidade.

Já estava longe de tudo, pensava. Se tivesse de fugir. Por isso, decidiu pôr as cartas na mesa e ver a merda do resultado.

— Porque é que me levas para tua casa?

— Porque precisas de uma.

— Vai passear. As pessoas não fazem merdas dessas.

— Algumas fazem. Eu e a minha mulher, Stella, fizemos umas merdas dessas.

— Disseste-lhe que vou para lá?

Ray sorriu, mas com uma certa tristeza. — À minha maneira. Ela morreu há algum tempo. Havia de gostar dela. E sei que assim que olhasse para ti, ia arregaçar as mangas.

Não sabia o que responder àquilo. — O que é que devo fazer, quando chegarmos ao sítio para onde vamos?

— Vive, — respondeu Ray. — Sê um miúdo. Vai à escola, mete-te em alhadas. Vou ensinar-te a velejar.

— Num barco?

Agora Ray ria-se, numa gargalhada sonora que preenchia o carro e, por motivos que o rapaz não conseguia entender, desatava os nós que trazia no estômago. — Sim, num barco. Tenho um cachorrinho desmiolado — calham-me sempre esses — que quero educar fora de casa. Podias ajudar-me nisso. Vamos atribuir-te tarefas, depois falamos sobre isso. Nós ditamos as regras, e tu segue-las. Não penses que só porque sou velho, podes fazer de mim o que quiseres.

— Deste-lhe dinheiro.

Por instantes, Ray desviou o olhar da estrada e penetrou naqueles olhos azuis como os seus. — Tens razão. É a única linguagem que ela conhece, pelo que pude perceber. Ela nunca te percebeu, pois não, rapaz?

Algo se aglomerava dentro dele, uma tempestade que não reconhecia como esperança. — Se ficares danado comigo, ou farto de me ter por perto, ou se mudares de ideias, mandas-me de volta. Mas eu não volto para lá.

Agora estavam a atravessar a ponte, e Ray encostou o carro na berma da estrada, mudando o cinto de posição para poder olhá-lo de frente. — Vou ficar danado contigo e, na minha idade, sei que me vou fartar uma vez ou outra. Mas vou prometer-te uma coisa, aqui e agora. Dou-te a minha palavra. Não te vou mandar de volta.

— Se ela...

— Não deixo que ela te leve, — disse Ray, em antecipação. — Farei o que for preciso. Agora és meu. Agora és da minha família. E ficas comigo, desde que seja essa a tua vontade. Quando um Quinn faz uma promessa, — acrescentou, estendendo a mão, — cumpre-a.

Seth olhava para a mão estendida e sentiu a dele humedecer. — Não gosto que me toquem.

Ray acenou. — Ok. Mas mesmo assim, tens a minha pala-

vra. — Voltou à estrada, lançando ao rapaz um último olhar. — Estamos quase em casa, — disse novamente.

Num espaço de meses, Ray Quinn morrera, mas cumprira a palavra. Havia-a cumprido aos três homens que tornara seus filhos. Esses homens deram uma vida àquele rapaz carancudo, desconfiado e assustado.

Deram-lhe um lar, e fizeram dele um homem.

Cameron, o cigano impaciente e temperamental; Ethan, o marinheiro paciente e calmo; Phillip, o executivo elegante e perspicaz. Apoiaram-no, lutaram por ele. Salvaram-no.

Os seus irmãos.

A luz dourada do Sol de fim de tarde brilhava nas ervas do pântano, nos lodaçais, nos campos lisos de culturas enfileiradas. Com as janelas abertas, conseguia sentir o perfume da água ao passar pela pequena vila de São Cristóvão.

Pensou em entrar na cidade, dirigindo-se primeiro para o velho estaleiro de tijolo. A Barcos dos Quinn ainda construía barcos de madeira por encomenda, e nos dezoito anos desde a abertura da empresa — sustentada num sonho, perseverança e suor — ganhara fama de qualidade e trabalho artesanal.

Eles deviam estar por lá, agora mesmo. Cam a praguejar, enquanto acabava algum trabalho minucioso na cabina. Ethan discretamente a carregar pranchas de madeira. Phil, fechado no escritório a magiciar alguma campanha publicitária engenhosa.

Podia ir ao Crawford's, comprar uma palete de cerveja. Talvez tivessem alguma já fresca, ou era provável que Cam lhe atirasse com um martelo e o mandasse de imediato para o trabalho.

Ia gostar muito, mas não era isso que o movia agora. Não



era o que incitava pela estreita estrada de campo fora, onde o pântano ainda espreitava das sombras e as árvores com os troncos retorcidos ostentavam as lustrosas folhas de Maio.

De todos os locais que vira, — as grandes cúpulas e espirais de Florença, a beleza floral de Paris, as espantosas colinas verdes da Irlanda, — nada lhe dava um nó na garganta e lhe inundava o coração como a velha casa branca, em tons de azul suaves e desmaiados, repousada sobre o relvado irregular que se inclinava na direcção das águas calmas.

Estacionou na entrada, atrás do velho 'Vette branco, que pertencera a Ray e a Stella Quinn. O carro, tão cuidado como no dia em que as suas rodas saíram do *stand*. Cuidados de Cam, pensou. Cam diria que era uma forma de mostrar o devido respeito por uma máquina excepcional. Mas na verdade, a culpa era de Ray e Stella, a culpa era da família. A culpa era do amor.

Os lilases no quintal da frente estavam todos em flor. Também eles tinham tudo a ver com amor, reflectiu. Havia oferecido a Anna aquele canteiro no dia da Mãe, quando tinha doze anos.

Ela chorou, recordava. Aqueles olhos castanhos, enormes e lindos cheios de lágrimas, rindo e furtando-se para eles, enquanto os plantava com a ajuda de Cam.

Era mulher de Cam, o que fazia de Anna sua irmã. Mas bem lá no fundo, pensava agora, onde importava mais, ela era a sua mãe.

Os Quinn sabiam bem o que mais importava.

Saiu do carro para o adorável sossego. Já não era o rapazi-nho magricela, com pés enormes e olhar desconfiado.

Crescera na proporção dos pés. Tinha agora um metro e oitenta e cinco e uma constituição robusta. Se não se cuidasse, podia revelar-se desajeitada. O cabelo escurecera e osten-

tava agora um castanho mais acobreado, diferente da esfregona arenosa da sua meninice. Também não lhe prestava o devido cuidado e, ao passar agora a mão por ele, vacilou ao lembrar-se da intenção de o cortar antes de partir de Roma.

Já sabia que eles lhe iam atazanar o juízo por causa do rabo-de-cavalo, o que significava que o ia manter por algum tempo, só para contrariar.

Encolheu os ombros e, enfiando as mãos nos bolsos dos *jeans* gastos, começou a caminhar, perscrutando a área circundante. As flores de Anna, as cadeiras de balouço no apêndice da frente, o bosque que assombrava a parte lateral da casa, e onde correria livre quando era pequeno.

O velho ancoradouro a balouçar na água e a pequena corveta de velas brancas atracada a ele.

Deixou-se ficar a olhar, o seu rosto, de faces encovadas e bronzeadas, na direcção da água.

Os lábios, firmes e cheios, começavam a desenhar uma curva. O peso que não sabia carregar no coração começou a erguer-se.

Ao ouvir uma ligeira agitação no bosque, virou-se, revelando ainda no homem o rapazinho medroso, ao assumir uma posição defensiva. Das árvores disparou uma bala negra.

— Tonto! — A sua voz carregava um tom de autoridade e humor fácil. A combinação obrigou o cão a parar, as orelhas caídas e a língua pendurada, ao estudar o homem à sua frente.

— Então, não passou assim tanto tempo. — Agachou-se, estendendo a mão. — Lembras-te de mim?

Tonto mostrou o esgar aparvalhado que o baptizara, deitando-se de imediato no chão, e rolando para expor a barriga, que queria que ele coçasse.

— Assim está melhor. Isso mesmo.

Sempre houvera um cão naquela casa. Sempre um barco

no ancoradouro, uma cadeira de balouço no alpendre e um cão no pátio.

— Sim, lembras-te de mim. — Ao afagar Tonto, olhou para a outra ponta do pátio, onde Anna plantara uma hortênsia sobre a campa do seu cão. O leal e adorado Tolinho.

— Sou o Seth, — murmurou. — Estive longe tempo de mais.

Ouviu um motor a trabalhar, o chiar de pneus numa curva apertada, desafiando a velocidade permitida por lei. Assim que se ergueu, o cão levantou-se e correu na direcção da frente da casa.

Na ânsia de apreciar o momento, Seth seguia mais atrás. Ouviu a porta do carro a bater, e depois, o tom agudo da voz dela ao falar para o cão.

Em seguida, limitou-se a olhar para ela, Anna Spinelli Quinn, com o volume encaracolado de cabelo negro despen-teado do passeio de carro, os braços cheios de sacos que tirara do carro.

O seu sorriso alargou-se, ao ver que ela tentava repelir o afecto desesperado do cão.

— Quantas vezes temos de insistir nesta regra tão simples? — Indagou ela. — Não se salta para cima das pessoas, em especial para cima de mim. Ainda mais quando estou de fato.

— Belo fato, — gritou Seth. — Mas prefiro as pernas.

Ela espetou a cabeça, os olhos castanhos muito abertos, revelando-lhe o choque, o prazer, as boas-vindas, tudo num só olhar.

— Oh, meu Deus! — Sem pensar no conteúdo, atirou com os sacos pela porta aberta do carro. E desatou a correr.

Ele pegou-lhe, levantou-a a quinze centímetros do chão e desatou às voltas, antes de a pousar novamente. Ainda assim,

não a soltou. Em vez disso, limitou-se a enterrar o rosto no cabelo dela.

— Olá.

— Seth. Seth. — Repetia, ignorando o cão que saltava e latia, fazendo os possíveis por enfiar o focinho entre os dois.

— Nem acredito. Estás aqui.

— Não chores.

— Já passa. Deixa-me olhar para ti. — Emoldurou-lhe o rosto nas mãos e recuou. *Tão bonito*, pensava. *Tão crescido*.

— Olha só para isto, — murmurou ela, ao passar-lhe a mão pelo cabelo.

— Queria tê-lo cortado um bocado.

— Eu gosto. — Ao sorrir, ainda sentia as lágrimas a correr. — Tem um ar boémio. Estás fantástico. Absolutamente fantástico.

— És a mulher mais linda do mundo.

— Oh, rapaz. — Fungou, abanando a cabeça. — Assim nunca mais paro de chorar. — Limpava as lágrimas. — Quando é que chegaste? Pensei que estavas em Roma.

— Estava. Apeteceu-me voltar.

— Se tivesses avisado, tínhamos ido buscar-te.

— Queria fazer uma surpresa. — Dirigiu-se para o carro para levar os sacos. — O Cam está no estaleiro?

— Deve estar. Dá cá, eu levo isso. Tens de ir buscar as tuas coisas.

— Trato disso depois. Onde estão o Kevin e o Jake?

Ela acompanhava-o pelo carreiro, dando uma olhadela ao relógio assim que pensou nos filhos. — Que dia é hoje? Ainda tenho a cabeça a andar à roda.

— Quinta-feira.

— Ah, o Kevin tem ensaio, uma peça da escola, e o Jake tem treino de *softball*. O Kevin já tem carta de condução, Deus

nos acuda, e vai buscar o irmão a caminho de casa. — Abriu a porta principal. — Devem chegar dentro de uma hora, e depois acaba-se o sossego nesta terra.

Não mudara nada, pensava Seth. Não importava de que cor as paredes estavam pintadas, ou se o velho sofá tinha sido substituído, se havia um candeeiro novo em cima da mesa. Não mudara nada porque *sentia* que tudo estava na mesma.

O cão enroscava-se nas suas pernas e foi aos ziguezagues para a cozinha.

— Quero que te sentes. — Ela acenou para a mesa da cozinha, debaixo da qual Tonto se encontrava esparramado, a roer satisfeito um pedaço de corda. — E que me contes tudo. Queres vinho?

— Claro, depois de te ajudar a arrumar as coisas. — Assim que as sobrelhas dela se ergueram, ele estacou com um litro de leite na mão. — O que foi?

— Lembrei-me agora de como toda a gente, incluindo tu, desaparecia sempre que era altura de arrumar as compras.

— Porque dizias sempre que guardávamos as coisas nos sítios errados.

— E era verdade, faziam de propósito, para eu vos expulsar da cozinha.

— Aturavas cada uma, não era?

— Aturava tudo, quando se tratava dos meus homens. Nada me deita abaixo, pá. Aconteceu alguma coisa em Roma?

— Não. — Ele continuou a tirar as compras dos sacos. Sabia onde ia dar a conversa, onde ia dar sempre na cozinha de Anna. — Não me meti em problemas, Anna.

*Mas estás com problemas*, pensava ela, e por ora, esquecia o assunto. — Vou abrir um fantástico branco italiano. Podemos beber um copo e tu contas-me as coisas maravilhosas que andaste a fazer. Parece que não estamos juntos há anos.

Ele fechou o frigorífico e virou-se para ela. — Lamento não ter estado em casa no Natal.

— Querido, nós compreendemos. Tinhas uma exposição em Janeiro. Temos todos muito orgulho em ti, Seth. O Cam deve ter comprado algumas centenas de exemplares da revista *Smithsonian*, onde saiu aquele artigo sobre ti. O jovem artista americano que seduziu a Europa.

Encolheu um ombro, num gesto tão habitual dos Quinn, que ela sorriu. — Senta-te, — ordenou ela.

— Já me sento, mas quero que me ponhas a par de tudo. Como raio é que estão todos? O que é que têm feito? Começa por ti.

— Está bem. — Acabou de abrir a garrafa e foi buscar dois copos. — Ultimamente tenho feito mais trabalho administrativo do que estudar casos. A assistência social envolve muita papelada, mas não é tão satisfatório. Entre isso e os dois adolescentes que tenho em casa, não sobra tempo para me aborrecer. O negócio do estaleiro vai de vento em popa.

Sentou-se e deu um copo a Seth. — A Aubrey trabalha lá.

— A sério? — Só de pensar na menina que era mais irmã para ele do que se fosse do seu próprio sangue, fê-lo sorrir. — Como é que ela está?

— Fantástica. É linda, esperta, teimosa e, segundo Cam, um génio com a madeira. Acho que a Grace ficou um pouco desiludida ao ver que Aubrey não ia seguir dança, mas não é fácil discutir quando se vê a filha tão feliz. E a Emily, filha da Grace e do Ethan, seguiu as pisadas da mãe.

— Ainda vai para Nova Iorque no final de Agosto?

— Uma oportunidade de dançar com a Companhia de Bailado Americana não aparece todos os dias. Ela vai agarrá-la, e jura a pés juntos que será bailarina principal antes de chegar aos vinte. O Deke sai mesmo ao pai — calado, inte-

ligente e superfeliz quando anda na água. Querido, queres lanchar?

— Não. — Estendeu o braço, pousando a mão sobre a dela. — Continua.

— Então, está bem. Phillip ainda é o guru do marketing e da publicidade. Acho que nenhum de nós pensava que ele ia deixar a empresa de publicidade em Baltimore, abdicar da vida urbana e enterrar-se em S. Cris. Mas já passaram, o quê, catorze anos, por isso acho que se pode dizer que foi de vez. Claro que ele e Sybill ainda têm o apartamento em Nova Iorque. Ela está a trabalhar num livro novo.

— Pois é. Falei com ela. — Afagava a cabeça do cão com o pé. — Tem a ver com a evolução da comunidade no ciberespaço. Ela é de mais. Como estão os miúdos?

— De loucos, como adolescentes que se prezem devem estar. Bram apaixonou-se perdidamente por uma rapariga chamada Cloe, na semana passada. Entretanto, já lhe deve ter passado. Os interesses de Fiona dividem-se entre os rapazes e as compras. Mas a verdade é que tem catorze anos, por isso é natural.

— Catorze. Céus. Nem sequer tinha dez quando parti para a Europa. Mesmo vendo-os de vez em quando nos últimos anos, não parece... não parece possível que o Kevin já conduza, e a Aub ande a construir barcos. O Bram atrás das raparigas. Lembro-me de a Grace estar grávida da Emily. Foi a primeira vez que privei com alguém que ia ter um bebé... bom, alguém que queria ter. Parece que foi há cinco minutos, e agora a Emily vai para Nova Iorque. Como é que se passaram dezoito anos, Anna, e tu não pareces um dia mais velha?

— Oh, tive saudades tuas. — Riu-se e apertou-lhe a mão.

— Eu também tive saudades tuas. De todos.

— Isso resolve-se já. Vamos juntar toda a gente para uma enorme festa de boas-vindas, à velha maneira ruidosa dos Quinn, no domingo. O que é que te parece?

— Melhor, impossível.

O cão latiu, erguendo-se de debaixo da mesa para correr na direcção da porta da frente.

— Cameron, — disse Anna. — Vai lá fora cumprimentá-lo.

Ele atravessou a casa, como fizera outrora. Abriu a porta corta-vento, como fizera outrora. Olhou para o homem que estava de pé junto ao relvado, a brincar com o cão que lhe puxava uma corda.

Ainda o achava alto, de constituição atlética. Agora no seu cabelo corriam fios prateados. Ainda trazia as mangas de trabalho arregaçadas até aos cotovelos, e os *jeans* puídos nos pontos de pressão. Trazia óculos de sol e ténis *Nike* muito gastos.

Aos cinquenta anos, Cameron Quinn ainda parecia um rebelde.

Em vez de o cumprimentar, Seth deixou o corta-vento bater atrás dele. Cameron olhou na sua direcção, e o único sinal de surpresa que demonstrou foram os dedos a deslizar pela corda.

Entre eles passaram milhares de palavras, sem produzirem um único som. Milhões de sentimentos e inúmeras memórias. Sem dizer nada, Seth desceu as escadas assim que Cameron atravessou o relvado. Depois estacaram, cara a cara.

— Espero que aquela merda que está na entrada seja alugada, — começou Cameron.

— É, pois. Foi o melhor que consegui, tão em cima da hora. Pensei em devolvê-lo amanhã, e depois andava com o ‘*Vette* por uns tempos.



O sorriso de Cameron mostrou-se lancinante como uma lâmina. — Continua a sonhar, pá. Continua a sonhar.

— Não sei de que serve estar parado.

— De certeza que não é para um pintor de meia tigela, armado ao pingarelho, pôr as patas no seu volante clássico.

— Hei, foste tu que me ensinaste a conduzir.

— Bem tentei. Uma velhota de noventa anos e um braço partido consegue meter mudanças melhor do que tu. — Inclinou a cabeça na direcção do carro alugado de Seth. — Aquela vergonha no meu estacionamento não me inspira confiança nem me faz crer que melhoraste nessa área.

Presunçoso, Seth balançava nos calcanhares. — Fiz um teste de condução num *Maserati* há uns meses.

As sobranceiras de Cam dispararam para cima. — Não me lixes.

— Foi aos duzentos à hora. Apanhei um cagaço do caraças.

Cam ria-se, dando a Seth uma pancadinha carinhosa no braço. Depois suspirou. — Filho da mãe. Filho da mãe, — repetiu, ao puxar Seth para um abraço feroz. — Por que raio é que não avisaste que vinhas?

— Decidi em cima da hora, — começou Seth. — Apeteceu-me voltar. Tinha de vir para cá.

— Ok. A Anna já se agarrou ao telefone, a avisar toda a gente que vamos comer borrego caseiro?

— Provavelmente. Ela disse que o íamos comer no domingo.

— Bem pensado. Já te instalaste?

— Não. Tenho as coisas no carro.

— Não chames carro àquele chaço. Vamos buscar as tuas malas.

— Cam. — Seth esticou o braço, tocando o de Cam. —

Quero voltar para casa. Não quero passar só uns dias, ou semanas. Quero ficar. Posso ficar?

Cam tirou os óculos de sol, e os olhos, de um cinzento fumado, encontraram os de Seth. — Mas que raio se passa contigo, porque é que achas que tens de pedir? Estás a ver se me irritas?

— Não tenho de me esforçar muito, contigo, ninguém tem. De qualquer forma, posso abusar um bocado.

— Tu abusas sempre. E sentimos falta de ver essa tua tromba feia por aqui.

E aquilo, pensava Seth ao caminharem para o carro, eram as boas-vindas que precisava de ouvir de Cameron Quinn.

Haviam mantido o quarto dele. Com o passar dos anos, estava diferente, a cor das paredes era diferente, havia um novo tapete no chão. Mas a cama era a mesma onde dormira, sonhara, acordara.

A mesma cama onde escondia Tolinho, quando era pequeno.

E aquela onde escondera Alice Robert, quando achava já ser homem.

Imaginava que Cam soubesse do Tolinho, e muitas vezes perguntava-se se soubera de Alice.

Atirou com as malas de qualquer maneira para cima da cama, e pousou o estojo de pintura — o que Sybill lhe havia dado quando fez onze anos — na mesa de trabalho que Ethan construíra.

Tinha de arranjar um espaço para o estúdio, pensou. Era inevitável. Enquanto o tempo permitisse, podia trabalhar lá fora. Gostava muito mais. Mas claro que precisava de um sítio para guardar as telas, o material. Talvez houvesse espaço

no velho celeiro de um estaleiro, mas não era uma solução a longo prazo.

E ele queria que fosse a longo prazo.

Já estava farto de viajar, farto de viver entre estranhos que lhe chegava para uma vida inteira.

Sentira necessidade de partir, de estar sozinho. Quisera aprender. E céus, como precisara de pintar.

Por isso, foi estudar para Florença e trabalhar em Paris. Percorrera as colinas da Irlanda e da Escócia, e conhecera os penhascos da Cornualha.

Viveu quase sempre de forma simples e dura. Quando tinha de optar entre comprar comida ou tinta, passava fome.

Já sentira fome antes. Fizera-lhe bem, esperava, lembrar-se da sensação de não ter ninguém para assegurar que comia, para o proteger e aquecer.

Imaginava que fora a sua faceta Quinn que o moldara para traçar o seu próprio caminho.

Tirou o bloco de esboços, guardou o carvão e os lápis. Antes de voltar a pegar no pincel, ainda ia demorar algum tempo a assentar as ideias.

Nas paredes do quarto viam-se alguns dos seus primeiros desenhos. Cam ensinara-o a fazer molduras numa velha caixa de esquadria, no estaleiro. Seth tirou um da parede para o estudar. Revelava promessas, pensou, nas linhas cruas e indisciplinadas.

Mas mais, muito mais do que isso, revelava uma promessa de vida.

Decidiu que os havia captado muito bem. Cam, com os polegares enfiados nos bolsos, numa postura de confronto. Depois Phillip, esguio, com uma elegância que quase disfarçava as manhas de rua. Ethan, paciente, hirto como pau-brasil, na roupa de trabalho.

Também se desenhara com eles. Seth, com dez anos, pensava. Magro, de ombros estreitos e pés grandes, o queixo erigido para disfarçar algo mais sofrido do que o medo.

Algo que era esperança.

Um momento da vida, pensava Seth agora, captado com um lápis de grafite. Ao desenhá-lo, começara a acreditar, a acreditar no seu íntimo, que era um deles.

Um Quinn.

— Metes-te com um Quinn, — murmurou ele, ao voltar a pendurar o desenho na parede, — metes-te com todos.

Virou-se, olhando de relance para as malas a pensar se ia conseguir convencer a Anna, com falinhas mansas, a desfazê-las.

Nem pensar.

— Hei.

Olhou para a porta e o seu rosto iluminou-se ao ver Kevin. Já que não tinha jeito nenhum para a roupa, ao menos tinha companhia. — Hei, Kev.

— Então, é desta que ficas? De vez?

— Parece que sim.

— Fixe. — Kevin entrou de rompante, saltou para a cama e apoiou os pés numa das malas. — A mãe nem cabe em si de contente. Sabes que aqui, se a mãe está feliz, toda a gente está feliz. Talvez amoleça e me deixe andar com o carro dela no fim-de-semana.

— Ainda bem que sou útil. — Empurrou os pés de Kevin de cima da mala e abriu-a.

Tinha ares da mãe, pensava Seth. O cabelo preto, encaracolado, olhos italianos enormes. Seth imaginava que as raparigas já andassem à volta dele como pinos de *bowling*.

— Como vai a peça?

— Na maior. Na maior, mesmo. *West Side Story*. Eu sou o Tony. Quando se é um Jet, pá.

— É-se sempre um Jet. — Seth enfiava camisas ao acaso numa gaveta. — Tu morres, não é?

— Sim. — Kevin agarrou-se ao coração, estremeando com o rosto transbordante de sofrimento e enlevo. Depois, esmoreceu. — É fantástico, e antes da cena em que morro, tenho uma cena de pancadaria do caraças. Estreia para a semana. Vais lá estar, certo?

— Bem ao centro, na primeira fila, amigo.

— Tens de ver a Lisa Maxdon, a que faz de Maria. Gira à brava. Temos umas cenas de amor juntos. Fartamo-nos de ensaiar, — acrescentou, com um piscar de olho.

— Tudo pela arte.

— Claro. — Kevin ergueu-se um pouco. — Ok, conta-me mas é tudo sobre as miúdas europeias. Quentes à brava, não?

— Impossível não me queimar. Houve uma rapariga em Roma. Anna-Theresa.

— Uma rapariga com dois nomes. — Kevin abanava os dedos, como se os tivesse aproximado de uma chama. — As raparigas com dois nomes são muito sensuais.

— Nem me fales. Trabalhava numa pequena *trattoria*. E a forma como servia *pasta al pomodoro*, era fantástica.

— E então? Pontuaste?

Seth lançou a Kevin um olhar piedoso. — Por favor, não sabes com quem estás a falar? — Enfiou os *jeans* noutra gaveta. — O cabelo dela ia até ao rabo, e que belo rabo. Os olhos eram como chocolate derretido e a boca insistente.

— Desenhaste-a nua?

— Fiz mais ou menos uma dúzia de estudos. Ela tinha muito jeito. Superdescontraída, totalmente desinibida.

— Bolas, dás cabo de mim.

— E tinha cá uma... — Seth fez uma pausa, com as mãos

à altura do peito para demonstrar. — Personalidade, — disse, deixando cair as mãos. — Olá, Anna.

— A falar sobre arte? — Indagou, secamente. — És muito simpático em partilhar as tuas experiências culturais com o Kevin.

— Umm. Bom. — O sorriso letal que ela lançava na sua direcção sempre entaramelara a língua de Seth. Em vez de tentar dar-lhe uso, deixou-se ficar por um sorriso inocente.

— Mas damos por terminada a sessão desta noite sobre arte e cultura. Kevin, acho que tens trabalhos de casa para fazer.

— Pois. Vou já tratar disso. — Encarando o trabalho de História como tábua de salvação, Kevin safou-se.

Anna entrou no quarto. — Achas, — perguntou ela a Seth, com simpatia, — que a jovem em questão ia gostar de ser reduzida a um par de seios?

— Ah... também falei nos olhos dela. Eram quase tão fabulosos quanto os teus.

Anna tirou uma camisa da gaveta aberta e dobrou-a na perfeição. — Achas que vou cair nessa?

— Não. Mas se implorar, talvez. Por favor, não me faças mal. Acabei de chegar a casa.

Ela tirou outra camisa e dobrou-a. — O Kevin tem dezasseis anos, e sei perfeitamente que o principal interesse dele são seios nus e o desejo ardente de pôr as mãos em cima do maior número possível deles.

Seth pestanejou. — Bolas, Anna.

— Também sei, — continuou ela, sem perder o ritmo, — que esta predilecção, apesar de ter a esperança que se torne mais civilizada e controlada, permanece bem enraizada no género masculino no decorrer da sua vida natural.

— Hei, queres ver uns esboços de paisagens que fiz na Toscânia?

— Vocês suplantam-me. — Suspirando baixinho, pegou noutra camisa. — Estou em minoria desde que entrei nesta casa. Mas isso não significa que não posso bater com as vossas cabeças umas nas outras sempre que achar necessário. Percebido?

— Sim, senhora.

— Ótimo. Mostra-me as paisagens.

Mais tarde, quando a casa caiu no silêncio e a Lua pairava sobre a água, ela foi encontrar Cam no alpendre das traseiras. Saiu de casa e foi ter com ele.

Ele passou o braço à volta dela, massajou-lhe o ombro para afastar o frio da noite. — Já trataste de toda a gente?

— Como sempre. A noite está fria. — Ergueu o olhar para o céu, para as pontas geladas das estrelas. — Espero que no domingo esteja bom tempo. — Depois, virou o rosto para o peito dele. — Oh, Cam.

— Eu sei. — Passou-lhe a mão pelo cabelo, afagando-lhe o rosto com ela.

— Só de o ver sentado à mesa da cozinha. Vê-lo a lutar com o Jake e com o parvo do cão. Até só de o ouvir a falar de mulheres nuas com o Kevin...

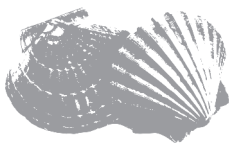
— Que mulheres nuas?

Ela riu-se, atirou o cabelo para trás e olhou para ele. — Nenhuma que conheças. É tão bom tê-lo em casa.

— Eu disse-te que ele voltava. Os Quinn voltam sempre ao poleiro.

— Tens razão. — Beijou-o, num longo e quente encontro dos lábios. — Porque é que não subimos? — Deslizou as mãos para baixo, dando-lhe um apertão convidativo no traseiro. — Também vou tratar de ti.

## DOIS



— **T**oca a acordar, pá. Isto não é a casa da mãe Joana.

A voz e o sadismo implícitos obrigaram Seth a grunhir. Virou-se de barriga para baixo, puxando a almofada para cima da cabeça. — Vai-te embora. Desaparece.

— Se achas que vais passar aqui os dias a dormir até ao meio-dia, estás enganado. — Com deleite, Cam arrancou-lhe a almofada das mãos. — Levanta-te.

Seth abriu um olho e revirou-o até focar o relógio da mesa-de-cabeceira. Ainda não eram sete horas. Voltou a virar a cara para o colchão e resmungou uma sugestão rude em italiano.

— Se achas que vivi estes anos todos com a Spinelli e não sei que isso significa «vai-te lixar», és tão estúpido como preguiçoso.

Para resolver a questão, Cam puxou os lençóis para trás, pegou nos tornozelos de Seth e arrastou-o para o chão.

— Merda. Merda! — Nu, com o cotovelo a latejar por ter batido na mesa, Seth ergueu o olhar para o seu carrasco. — Que raio se passa contigo? Estou no meu quarto, e gostava de dormir um bocado.

— Vê se te vestes. Tenho uma tarefa para ti lá nas traseiras.

— Raios partam, podias deixar um gajo em paz pelo menos umas vinte e quatro horas.



— Puto, nunca mais te deixei em paz desde os teus dez anos, e ainda não estou satisfeito. Tenho de trabalhar, por isso despacha-te.

— Cam. — Anna apareceu à porta, com as mãos nas ancas. — Pedi que o acordasses, não que o atirasses para o chão.

— Jesus. — Mortificado, Seth arrancou o lençol das mãos de Cam e enrolou-o à cintura. — Bolas, Anna, estou nu.

— Então, veste-te, — sugeriu ela, afastando-se.

— Nas traseiras, — avisou Cam, ao sair do quarto. — Cinco minutos.

— Pois sim, está bem.

Certas coisas nunca mudavam, pensava Seth, ao vestir os *jeans* à pressa. Mesmo que tivesse sessenta anos e vivesse naquela casa, Cam ia arrastá-lo da cama como se tivesse doze.

Pegou no que restava de uma *sweatshirt* da Universidade de Maryland e puxou-a pela cabeça abaixo, saindo do quarto.

Se não houvesse café, quente e acabado de fazer, alguém ia levar um valente pontapé no rabo.

— Mãe! Não encontro os sapatos!

Seth olhou de soslaio para o quarto de Jake enquanto se dirigia para as escadas.

— Estão aqui em baixo, — respondeu Anna. — No meio da minha cozinha, onde não deviam estar.

— Não são *esses* sapatos. Bolas. Os *outros* sapatos.

— Vê se não estão no teu rabo, — ouviu-se a sugestão cuidadosamente cordial do quarto de Kevin. — É lá que tens a cabeça.

— Tu não tens problemas em achar o rabo, — foi a resposta pronta. — Sabes que está entre os ombros.

Uma dinâmica familiar tão conhecida teria levado Seth a abrir um sorriso, se não fossem sete da madrugada. E se o

cotovelo não lhe doesse como o raio. E se tivesse conseguido ingerir alguma cafeína.

— Nenhum de vocês ia encontrar os respectivos rabos com as próprias mãos, — grunhiu ele, ao descer os degraus, amuado.

— Que raio é que se passa com o Cam? — Indagou a Anna, ao entrar de rompante na cozinha. — Há café? Porque é que toda a gente acorda a berrar nesta casa?

— Cam quer falar contigo lá fora. Sim, ainda há meia cafeteira e toda a gente acorda a berrar, porque é assim que gostamos de receber o dia. — Serviu o café numa grossa caneca branca. — Tomas o pequeno-almoço sozinho. Tenho uma reunião bem cedo. Não amues, Seth. Logo à noite trago gelado.

O dia começava a ganhar uma certa beleza. — Da Olá?

— Da Olá. Jake! Tira-me estes sapatos da cozinha antes que os dê de comer ao cão. Vai lá fora, Seth, senão ainda dás cabo do bom humor de Cam.

— Pois, parecia mesmo bem-disposto, quando me puxou da cama abaixo. — Ainda a remoer, Seth passou a porta da cozinha.

Lá estavam eles, quase como os havia desenhado, há muitos anos. Cam, de polegares encaixados nos bolsos, Phillip, apumado dentro de um fato, e Ethan, de boné gasto a tapar o cabelo batido pelo vento.

Seth engolia o café, e o coração que se alojara na garganta. — Foi para isto que me arrastaste da cama?

— Tens a mania que és esperto. — Phillip roubou-lhe um abraço. Os seus olhos, quase do mesmo tom de dourado que o cabelo, estudaram a camisola e os *jeans* amarrotados de Seth. — Céus, puto, será que não te ensinei nada? — Abanando a cabeça, puxou com dois dedos a manga da camisola de um cinzento desbotado. — A Itália foi mesmo um desperdício.

— É só roupa, Phil. Veste-la para não teres frio nem seres preso.

Com um esgar sofrido, Phillip recuou. — Onde é que eu errei?

— A mim parece-me bem. Ainda estás muito magricela. O que é isto? — Ethan puxou o cabelo de Seth. — Grande como o de uma miúda.

— Ontem à noite estava preso num rabinho-de-cavalo, — informou Cam. — Estava tão lindinho.

— Vai bardamerda, — riu-se Seth.

— Vamos comprar-te um laçarote cor-de-rosa, — comentou Ethan, roncando, e envolveu Seth num abraço de urso.

Phillip tirou a caneca da mão de Seth e provou. — Decidimos não esperar por domingo, e passámos cá para te ver.

— Que bom que vieram. Fico muito contente. — Seth olhou de soslaio para Cam. — Podias ter dito que estavam todos aqui, em vez de me despejares da cama.

— Assim foi mais divertido. Bom. — Cam balouçava-se nos calcanhares.

— Bom, — retorquiu Phillip, e pousou a caneca no corrimão do alpendre.

— Bom. — Ethan puxou novamente o cabelo de Seth. De seguida agarrou-lhe o braço com força.

— O que foi?

Cam esboçou um sorriso irónico e agarrou-lhe o outro braço. Seth nem precisou de ver os seus olhos a brilhar para perceber.

— Vá lá. Estão a gozar, certo?

— Tem de ser. — Antes que Seth começasse a dar luta, Phillip apanhou-lhe as pernas e levantou-o no ar. — Nem sequer tens de te preocupar com molhar essa roupa catita.

— Parem com isso. — Seth esperneava, tentando pontapé-los, ao mesmo tempo que o levavam do alpendre. — A sério. A água está fria como a merda.

— Vais afundar como uma pedra, — troçou Ethan, ao carregarem Seth à força para a doca. — Parece que viver na Europa fez de ti um larilas.

— Larilas, uma ova. — Debatia-se, lutando para não se rir. — São precisos três para me segurar. Seus velhos raquíuticos, — rosnou. Tinham uma força, pensou, de aço.

Aquele comentário levou Phillip a franzir o sobrolho. — Acham que o conseguimos atirar muito longe?

— Já vamos descobrir. Um, — anunciou Cam, assim que se abeiraram da água para o balouçar junto à doca.

— Vou-vos matar. — A praguejar e a rir, Seth contorcia-se como um peixe.

— Dois, — disse Phillip, com um sorriso. — É melhor respirares fundo, puto.

— Três. Bem-vindo a casa, Seth, — gritou Ethan, assim que os três o lançaram no ar.

Tinha razão. A água estava gelada. Ficou sem o fôlego que nem sequer se incomodara em poupar, gelando até aos ossos. Quando veio à superfície, a arquejar e a puxar o cabelo para trás, ouviu os irmãos a zurrar de delírio e viu-os ali juntos na doca, banhados pelo Sol matinal, tendo a casa branca como pano de fundo.

*Sou Seth Quinn, pensou. E estou em casa.*

O mergulho madrugador tratou de lhe cuidar do *jet lag*. Desde que se levantara, Seth decidiu que mais valia começar a fazer alguma coisa. Voltou para Baltimore, entregou o carro alugado e, depois de experimentar e negociar bastante com

o vendedor, regressou ao volante e orgulhoso de um potente *Jaguar* descapotável prateado.

Ele sabia que gritava: *Sr. Agente, importa-se de me passar uma multa por excesso de velocidade?* Mas não conseguiu resistir.

Vender a arte que produzia era uma faca de dois gumes. Cortava-se-lhe o coração ao meio, sempre que se separava de um quadro. Mas estava a vender muito bem, por isso, bem podia gozar um pouco os frutos.

Os seus irmãos, achava ele, iam ficar verdes de inveja quando vissem o novo bólido.

Reduziu a velocidade ao atravessar S. Cris. A pequena vila junto ao mar, de docas atarefadas e ruas silenciosas, representava mais um quadro para ele, dos que recriara inúmeras vezes, de diversos ângulos.

Market Street, com as suas lojas e restaurantes, ficava paralela às docas, onde os pescadores de caranguejos ainda montavam as bancas para «turista ver» ao fim-de-semana. Os pescadores como Ethan traziam para ali a faina do dia.

A vila crescera com as velhas casas vitorianas, as coloniais e as de ripas<sup>1</sup> à sombra de árvores frondosas. Os relvados sempre aprumados. O asseio, a originalidade e a história atraíam os turistas, que vagueavam pelas lojas, comiam nos restaurantes, instalavam-se nos *B e B<sup>2</sup>* durante um fim-de-semana de descanso na Costa.

Os locais haviam aprendido a viver com eles, tal como aprenderam a viver com as rajadas de vento do Atlântico, e as secas que dizimavam os campos de soja. Tal como aprende-

---

<sup>1</sup> *Saltboxes e clapboards*, respectivamente, no original. Tipos de casas coloniais americanas. (N. da T.)

<sup>2</sup> *Bed and Breakfast*. (N. da T.)

ram a viver com os caprichos da Baía e com os seus cada vez menores agraços.

Passou pelo Crawford's e lembrou-se das sanduíches feitas às três pancadas, dos cones de gelado a pingar e das fofocas da cidade.

Percorrera aquelas ruas de bicicleta, ao desafio com Danny e Will McLean. Passeara com eles no *Chevy* em segunda mão que ele e Cam arranjaram no Verão em que fez dezasseis anos.

E sentara-se — homem e menino — numa das mesas com chapéu-de-sol, a contemplar o buliço da vila, a tentar captar aquele lugar único no planeta que, para ele, tinha um brilho sem igual.

Não tinha a certeza de ter conseguido, nem se alguma vez o faria.

Abrandou para estacionar e dar um passeio a pé pelas docas. Queria estudar a luz, as sombras, as cores e formas, e já desejava ter levado consigo um bloco de desenho.

Ficava sempre espantado com a beleza que havia no mundo. Como mudava e se transformava, até mesmo enquanto a contemplava. A forma como o Sol batia na água num instante exacto, como se fundia e desaparecia atrás de uma nuvem.

Ou ali, pensava, na curva da face daquela menina, ao erguer o olhar para a gaiivota lá em cima. As linhas que o seu sorriso lhe deixava na boca, ou a forma como os seus dedos deslizavam pelos da mãe em confiança absoluta.

Havia muita força em tudo aquilo.

Ficou a observar um barco branco a navegar na água azul, as velas cheias pelo vento forte.

Deu-se conta de que queria voltar a navegar. Fazer parte daquilo. Talvez fosse pedir boleia a Aubrey por umas horas.

Ainda queria passar por alguns sítios primeiro, e depois ia ao estaleiro ver se a conseguia raptar.

Perscrutando as ruas, começou a dirigir-se para o carro. Um letreiro pintado numa montra chamou-lhe a atenção. *Botão de Rosa*, leu. Uma florista. Era nova. Aproximou-se, reparando nos vasos coloridos pendurados de cada lado da montra.

A vitrina estava cheia de plantas e o que lhe pareciam ser aparadores. Bastante engenhosos, achava Seth, percebendo que o divertia a vaca malhada, preta e branca, com amores-perfeitos suspensos ao fundo.

No canto inferior direito da vitrina, com a mesma letra ornamentada, lia-se: *Drusilla Whitcomb Banks, Proprietária*.

Não conhecia o nome, e uma vez que o cartão pintado informava que a loja abria em Setembro do ano anterior, imaginava que se tratasse de uma viúva espalhafatosa, já entradota. De cabelos brancos, decidiu, vestido engomado com um estampado floral, a combinar com os sapatos e os óculos rectangulares que usava com uma corrente dourada à volta do pescoço.

Ela e o marido iam a S. Cris passar os fins-de-semana prolongados e, quando ele morreu, ela ficara com demasiado tempo e dinheiro em mãos. Por isso, mudara-se para ali e abrira a florista, para estar no local onde viveram juntos sem preocupações, e ao mesmo tempo podia fazer algo que sempre desejara em segredo todos aqueles anos.

A história levava-o a simpatizar com a Sra. Whitcomb Banks e com o seu gato snobe — *tinha* de ter um gato — chamado Ernestino.

Decidiu que a ia fazer feliz, bem como a todas as imensas mulheres da sua vida. Com flores no pensamento, Seth abriu a porta ao som de campainhas melodiosas.

Parecia-lhe que a proprietária tinha um forte sentido de estilo. Não eram só as flores — afinal de contas, elas eram apenas as tintas. Mas ela havia disposto, espalhado e combinado as tintas muito bem. Pinceladas de cor, misturas de formas, o contraste das texturas cobriam a tela que era a loja. Estava arrumada, tal como ele esperava, mas não era rígida nem formal.

Sabia o suficiente acerca de flores, dos anos que vivera com Anna, para reconhecer a forma perspicaz com que ela combinara gerbérias rosa-forte com delfínios de um azul vivo, lírios alvos como a neve com a elegância das rosas vermelhas. Misturados em toda aquela imensidão de cores, havia leques, espinhos e linguetas verdes.

Achava toda aquela extravagância encantadora. Porquinhos em ferro fundido, sapos a tocar flauta, gárgulas com expressões malévolas.

Havia potes e vasos, fitas e laços, canteiros baixos com ervas e plantas domésticas viçosas. Dava a impressão de tralha bem arrumada num espaço limitado e bem aproveitado.

Compondo a cena, ouvia as notas saídas de um conto de fadas de «*Afternoon of a Faun*»<sup>3</sup>.

Mas que bem, Sra. Whitcomb Banks, concluiu e preparou-se para gastar uma quantia exorbitante.

A mulher que surgiu na porta das traseiras, por trás do enorme balcão da loja, não compunha a imagem da talentosa viúva, mas decerto que pertencia num jardim fantasista.

Atribuiu mais alguns créditos à viúva, por ter contratado alguém que fazia um homem lembrar-se de fadas e princesas encantadas.

— Posso ajudá-lo?

---

<sup>3</sup> Peça de música composta por Claude Debussy. (N. da T.)



— Oh, sim. — Seth chegou-se ao balcão e ficou a olhar para ela.

Alta, magra e aperaltada como uma rosa, pensava. Tinha o cabelo de um negro autêntico, o corte a seguir a adorável linha da cabeça, deixando antever a curva elegante do pescoço. Era um visual, pensava ele, que exigia imensa coragem e autoconfiança femininas.

O seu rosto ficava totalmente desemoldurado, formando o marfim delicado da sua pele uma tela oval perfeita. Os deuses estavam inspirados no dia da sua criação, e haviam-lhe desenhado um par de olhos verde-musgo em forma de amêndoa, para depois acrescentarem um toque de âmbar em redor das pupilas.

O nariz era pequeno e direito, a boca grande a combinar com os olhos, e muito carnuda. Pintara-a de um rosa-escuro e sedutor.

O queixo ostentava uma pequena fenda, como se o seu criador lhe tivesse tocado com o dedo, num gesto de aprovação.

Ele pintaria aquele rosto; sem sombra de dúvida. E o resto também. Viu-a deitada num leito de pétalas de rosa, com aqueles olhos de fada a brilhar de poder lânguido, os lábios ligeiramente curvos, como se tivesse acabado de acordar de um sonho com o seu amor.

O sorriso dela não vacilou enquanto ele a estudava, mas as asas escuras das suas sobrancelhas arquearam. — Em que é que lhe posso ser útil?

A voz era boa, pensou ele. Forte e suave. Não era dali, concluiu.

— Podemos começar pelas flores, — disse ele. — Esta loja é fantástica.

— Obrigada. Em que flores é que estava a pensar hoje?

— Já lá vamos. — Debruçou-se no balcão. Em S. Cris, havia sempre tempo para um dedo de conversa. — Trabalha aqui há muito tempo?

— Desde sempre. Se já está a pensar no Dia da Mãe, tenho aqui umas lindas...

— Não. Já tratei do Dia da Mãe. Você não é daqui. O sotaque, — explicou ele, ao ver que arqueava outra vez as sobranças. — Não é da Costa. Mais para norte, talvez.

— Muito bem. Da capital.

— Então, o nome da loja. Botão de Rosa. É do Whistler?

O seu rosto transpareceu surpresa e dúvida. — Na verdade, é mesmo. É o primeiro a adivinhar.

— Um dos meus irmãos percebe muito disso. Não me lembro bem da citação. Tem alguma coisa a ver com ser perfeito no botão e na rosa.

— A obra-prima deve ser como a flor para o pintor... perfeita no botão e na rosa.

— Sim, é isso. Deve ser por isso que a reconheci, já que é esse o meu trabalho. Sou pintor.

— A sério? — Lembrou-se que devia ser paciente, deixar-se entrar no ritmo. Faziam parte da vida da pequena vila, as conversas demoradas e sinuosas com estranhos. Já lhe havia conseguido tirar as medidas. Tinha um rosto algo familiar, os olhos de um azul deslumbrante, francos e de interesse directo. Não ia cair no cerco da sedução, certamente que não para vender, mas podia ser simpática.

Tinha ido para S. Cris para ser simpática.

Como imaginava que ele pintava casas, rebuscou na sua mente uma situação que fosse de encontro ao universo dele. — Trabalha na zona?

— Agora, sim. Estive fora. Trabalha aqui sozinha? — Deu uma olhada em redor, para calcular o trabalho que dava

manter o jardim que ela criara. — A proprietária costuma vir cá?

— Por agora, trabalho sozinha. E sou eu a proprietária.

Olhou para ela de novo e começou a rir. — Bolas, nunca haveria de adivinhar. Muito prazer, Drusilla Whitcomb Banks. — Estendeu a mão. — Sou Seth Quinn.

Seth Quinn. Pousou a mão na dele num gesto reflexivo, e fez uma breve análise com outros olhos. Percebeu que não se tratava de um rosto que já tivesse visto pela vila, mas talvez numa revista. Não era pintor de casas, apesar dos *jeans* velhos e da camisola desbotada, mas antes um artista. O rapaz local que se tornara a coqueluche da Europa.

— Admiro o seu trabalho, — disse ela.

— Obrigado. E eu admiro o seu. E devo estar a empatá-la. Vou fazer com que não se arrependa. Tenho umas senhoras que quero impressionar. Podia dar-me uma ajuda.

— Senhoras? No plural?

— Sim. Três, não, quatro, — corrigiu, a pensar em Aubrey.

— Nem imagino como tem tempo para pintar, Sr. Quinn.

— Seth. Consigo sempre.

— Aposto que sim. — Determinado tipo de homens conseguia sempre. — Flores de corte, arranjos ou plantas?

— Ah... flores de corte, numa bela caixa. É mais romântico, não acha? Deixe-me ver. — Calculou o caminho e o tempo que levaria, e decidiu que faria uma visita a Sybill primeiro. — A primeira é sofisticada, chique, intelectual e prática, mas com um coração mole. Acho que rosas.

— Se quiser ser previsível.

Levou o olhar de novo para Dru. — Sejamos imprevisíveis.

— Um momento. Tenho algo lá atrás de que é capaz de gostar.

Pensou que havia algo mesmo ali de que gostava, assim que ela se virou para a porta das traseiras. Deu uma pancadinha no coração.

Phillip, pensava Seth ao caminhar pela loja, haveria de aprovar as linhas clássicas e despojadas do fato cor de pêssegos maduros que ela usava. Ethan, talvez pensasse numa forma de a ajudar, com todo o trabalho que dava gerir um lugar daqueles. E Cam... bom, Cam ia olhar bem para ela e sorrir.

Seth achava que tinha características dos três dentro de si.

Ela regressou com um braço cheio de flores exóticas, de pé alto, as pétalas brilhantes cor de beringela.

— Jarros, — explicou ela. — Elegantes, simples, com classe e nesta cor, espectaculares.

— Acertaste em cheio.

Colocou-os numa pequena jarra em forma de cone. — E a seguir?

— Quente, conservadora no bom sentido. — Começou a sorrir, só de pensar em Grace. — Também simples. Doce, mas não lamechas, e com uma estrutura de aço.

— Túlipas, — retorquiu e dirigiu-se à ampla arca frigorífica. — Talvez neste rosa-suave. Uma flor serena, mas mais robusta do que parece, — acrescentou, enquanto as levava para que as visse.

— Bingo. Tem jeito.

— Pois tenho. — Agora começava a divertir-se, não só com a venda, mas com o jogo implicado. Era esta a razão porque abria a loja. — A terceira?

Aubrey, pensou ele. Como podia descrever Aubrey? — Jovem, fresca, divertida. Forte e leal por instinto.

— Espera. — Com aquela imagem mental, Dru deslizou novamente para as traseiras. E voltou com um molho de girassóis tão redondos como um prato de sobremesa.

— Céus, são perfeitos. Estás no ramo certo, Drusilla.

Era o melhor elogio possível, pensava ela. — Não valia a pena perder tempo noutra. E já que estás prestes a bater o meu recorde de vendas a um único cliente, chama-me Dru.

— Que bom.

— E a quarta sortuda?

— Arrojada, linda, inteligente e sensual. Com um coração de... — O coração de Anna, pensava. — Com um coração impossível de descrever. A mulher mais fantástica que já conheci.

— E parece que conheces bastantes. Um minuto. — Mais uma vez, retirou-se. Ele estava a admirar os girassóis quando Dru voltou com lírios asiáticos de um escarlata triunfante.

— Ena pá. São a cara da Anna. — Esticou o braço para tocar numa das vívidas pétalas vermelhas. — São mesmo a Anna. Acabaste de fazer de mim um herói.

— Fico feliz em ajudar. Vou pô-las numa caixa e atar fitas a combinar com as cores das flores. Consegues levá-las direitas?

— Acho que dou conta do recado.

— Os cartões estão incluídos. Podes escolher os que quiseres daquele mostruário no balcão.

— Não preciso de cartões. — Observava-a a colocar pequenos recipientes com água nas extremidades das flores. Não usava aliança, reparou. Mesmo se usasse, tê-la-ia pintado, mas se fosse casada, o resto dos seus planos não teria seguimento.

— Que flor és tu?

Ela lançou-lhe um olhar, ao mesmo tempo que acondicionava o primeiro arranjo numa caixa branca forrada a papel vegetal. — Todas. Gosto de variedade. — Atou uma fita roxa-escura à volta da primeira caixa. — E parece que tu também.

— É uma pena ter de acabar com a ilusão de que tenho algum harém. São irmãs, — declarou ele, gesticulando para as flores. — Embora os girassóis sejam para a sobrinha, prima, irmã. O parentesco exacto é um bocadinho confuso.

— Um-hm.

— As esposas dos meus irmãos, — explicou. — E uma das filhas mais velhas do meu irmão. Imagino que seja melhor esclarecer isso, uma vez que te vou pintar.

— Vais? — Atou a segunda caixa com uma fita cor-de-rosa, decorada com renda branca. — Tens a certeza?

Ele puxou do cartão de crédito e pousou-o em cima do balcão, enquanto ela tratava dos girassóis. — Achas que só te quero ver nua, e acredita que não me oponho à ideia.

Ela foi buscar fita dourada. — Porque haverias de te opor?

— Exactamente. Mas porque não começarmos pela tua cara? É uma bela cara. Gosto muito do formato da tua cabeça.

Pela primeira vez, os dedos dela tremeram um pouco. Com uma gargalhada tímida, estacou e voltou a olhar bem para ele. — O formato da minha cabeça?

— Claro. E tu também gostas, senão não usavas esse corte de cabelo. É uma belíssima tomada de posição, sem fazer grandes ondas.

Ela atou a fita. — É inteligente da tua parte, definirias uma mulher com expressões tão intensas.

— Gosto de mulheres.

— Já percebi. — Ao acabar o arranjo dos jarros vermelhos, entraram dois clientes que começaram a perscrutar a loja.

Ainda bem, pensou Dru. Estava na altura de o artístico Sr. Quinn ir andando.

— Fico lisonjeada por admirares o formato da minha cabeça. — Pegou no cartão de crédito dele para saldar a conta. — E que alguém com o teu talento e reputação gostasse de

me pintar. Mas o trabalho ocupa-me imenso, e nunca tenho tempo livre. O único que consigo é para gastar de forma extremamente egoísta.

Entregou-lhe a conta e fê-la deslizar pelo balcão, para ele a assinar.

— Fechas às seis todos os dias e não abres ao domingo.

Devia ter-se irritado, pensou, mas em vez disso, ficou intrigada. — Não te escapa nada, pois não?

— Todos os detalhes são importantes. — Depois de assinar o talão, pegou num dos cartões de felicitações e virou-o ao contrário.

Desenhou um estudo rápido do rosto dela, como se fosse uma flor de pé alto, ao qual acrescentou o número de telefone de casa, antes de o assinar. — Para o caso de mudares de ideias, — declarou, entregando-lho.

Ela analisou o cartão, sentindo que os lábios se contorciam. — Era bem capaz de vender isto no *eBay* por uma bela soma.

— Tens classe a mais para fazeres uma coisa dessas. — Empilhou as caixas, ajeitando-as. — Obrigada pelas flores.

— De nada. — Contornou o balcão para lhe abrir a porta. — Espero que as tuas... irmãs gostem.

— Vão gostar. — Lançou-lhe um derradeiro olhar por cima do ombro. — Eu volto.

— Estarei aqui. — Enfiando o esboço no bolso, fechou a porta.

Fora fantástico ver Sybill, passar uma hora sozinho com ela. E ver o prazer que sentiu, ao arranjar as flores numa jarra alta e transparente.

Eram perfeitas para ela, concluiu, tal como a casa que ela e Phillip haviam comprado e mobilado, a imensa vivenda

vitoriana com todos os pormenores estilizados, era perfeita para ela.

Com o passar dos anos, mudara de corte de cabelo, mas agora voltara a usá-lo como ele mais gostava, a balouçar solto quase até aos ombros, com toda a riqueza de cor de um valioso casaco de marta.

Não colorira o seu dia de trabalho em casa com batom, e envergava uma blusa branca lisa com calças pretas plissadas, num estilo que ele imaginava ser a ideia que ela fazia de casual.

Era mãe de duas crianças activas, além de uma socióloga experiente e escritora de sucesso. Conseguia ostentar uma compleição totalmente serena, pensava Seth.

Tinha motivos para pensar que aquela serenidade fora conquistada a pulso.

Crescera no mesmo ambiente familiar que a sua mãe. As meias-irmãs eram como duas faces da mesma moeda.

Uma vez que só de pensar em Gloria DeLauter Seth sentia os músculos do estômago a contrair, colocou a imagem de lado e concentrou-se em Sybill.

— Quando tu, Phillip e os miúdos foram ter comigo a Roma há uns meses, não pensava que a próxima vez que te ia ver seria aqui.

— Queria que voltasses. — Serviu um copo de chá gelado para cada um. — Muito egoísta da minha parte, mas queria que voltasses. Por vezes, no meio de tudo o que estava a acontecer, parava e pensava: *Falta alguma coisa. O que é que falta?* E depois, *oh, sim, o Seth. Falta o Seth.* Tolice.

— Que querida. — Apertou-lhe a mão, antes de pegar no copo que ela lhe servira. — Obrigado.

— Conta-me tudo, — exigiu ela.

Falaram do trabalho de ambos. Das crianças. Do que mudara e do que estava na mesma.



Assim que ele se levantou para sair, ela envolveu os braços à volta dele e abraçou-o um minuto mais. — Obrigada pelas flores. São lindas.

— Foi numa loja nova, bem gira, na Market. A proprietária parece saber o que faz. — Caminhou com Sybill, de mãos dadas, na direcção da porta. — Já lá foste?

— Uma ou duas vezes. — Como já o conhecia muito bem, Sybill sorriu. — É muito querida, não achas?

— Quem? — Mas ao ver que Sybill apenas inclinava a cabeça, sorriu. — Apanhaste-me. Sim, é bem bonita. O que é que sabes sobre ela?

— Na verdade, nada. Mudou-se para cá no Verão passado, acho eu, e abriu a loja no Outono. Acho que é da zona da capital. Sei que os meus pais conhecem uns Whitcomb e uns Banks dali perto. — Encolheu os ombros. — Não tenho a certeza, e os meus pais e eu não... nos contactamos muito ultimamente.

Afagou-lhe a face. — Lamento.

— Não faz mal. Têm dois netos maravilhosos que ignoram por completo. — *Como te ignoraram*, pensava ela. — Quem perde são eles.

— A tua mãe nunca te perdoou por teres ficado do meu lado.

— Quem perde é ela. — Sybill falava enquanto levava as mãos ao rosto. — E quem ganha sou eu. E não estou sozinha. Nesta família, isso é impossível.

Nesse ponto, tinha razão, pensava Seth, conduzindo até ao estaleiro. Nenhum Quinn estava sozinho.

Mas não tinha a certeza se teria coragem de os arrastar para os problemas que receava muito irem ao seu encontro, até mesmo em casa.